

Por um governo de si mesmo: Michel Foucault e a estética da existência / *For the government of the self Michel Foucault and the aesthetics of existence*

Rafael Nogueira Furtado¹

RESUMO

O artigo tem como tema o conceito desenvolvido por Michel Foucault de “estética da existência”, entendido enquanto governo do sujeito de si mesmo. Trata-se aqui de explicitar este conceito tendo por contraponto a noção de governo das condutas, recorrente nos escritos do filósofo a partir da década de 1970. Em princípio, o tema da estética da existência será abordado no contexto da Antiguidade greco-romana. Em seguida, visa-se expor as análises de Foucault sobre Baudelaire, revelando o modo como o filósofo examina o referido conceito no período da Modernidade. Deste modo, busca-se apresentar a estética da existência como reflexão crítica em que se problematizam formas de controle e dominação.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault; Estética da existência; Governo de si

ABSTRACT

This paper has as its theme the conception of “aesthetics of existence” developed by Michel Foucault, which can be understood as the subject’s government of himself. It is aimed to expose this conception, having as background the notion of government of conducts, present in Foucault’s writings at the decade of 1970. At first, the theme of aesthetics of existence will be treated in the context of greek-roman antiquity. Then, Foucault’s analysis of Baudelaire will be considered, revealing how the philosopher reflects about the theme in the modern period. So that, the notion of aesthetics of existence will be treated as a critical reflection, which deals with practices of control and domination.

KEY-WORDS: Michel Foucault; Aesthetics of existence; Government of the self

INTRODUÇÃO

A trajetória intelectual de Michel Foucault é marcada pela análise das condições a priori que determinam, em um dado momento da cultura ocidental,

¹ Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo; rafaelfpsi@yahoo.com.br

o aparecimento de saberes e instituições, os quais exercem sobre indivíduos relações de poder específicas. A identificação de discursos pretendidos verdadeiros e de linhas de forças que perfazem o campo social conduz Foucault ao estudo de práticas que visam gerir e controlar a conduta dos sujeitos. O filósofo francês denominará tais práticas de controle e gestão de “governo”. Ao examinar determinadas matrizes de governo, Foucault refletirá sobre a possibilidade de sua transformação, sua reversibilidade provável. Em contraposição aos dispositivos que produzem efeitos de dominação, são investigadas formas de relação do indivíduo consigo mesmo, as quais visam à obtenção de um estado de satisfação e soberania de si.

Trata-se, deste modo, da configuração no pensamento foucaultiano da noção de “governo de si”, isto é, a recusa relativa das práticas abusivas de controle das condutas. É contra este cenário teórico que emerge o conceito de “estética da existência”. Por ele Foucault entende o princípio ético do sujeito, o qual toma a própria existência como objeto de uma transformação, dada à luz de critérios de forma e estilo. Isto significa fazer da vida e do corpo uma obra artística, com vistas ao exercício de uma liberdade irreduzível e relutante. Para atingir este fim, requer-se o domínio de práticas, saberes e exercícios que irão compor, em seu conjunto, uma *tékhne tou bíou* (arte de viver). Porém, ainda que fundada em determinadas técnicas, ressalta Foucault (FOUCAULT, 2010, p. 210), esta arte não se inscreve em uma “regra da vida”. Ela implica a liberdade e escolha daquele que delibera sobre os meios de sua própria constituição. Vejamos, portanto, como a noção de estética da existência se desenvolve no pensamento de Foucault.

1 A problemática do governo

A noção de estética da existência em Michel Foucault é desenvolvida em articulação ao problema do governo. Por governo, o filósofo compreende, em sentido amplo, “técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens. Governo das crianças, governo das consciências, governo de uma casa, de um Estado ou de si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p. 101). Governar

requer uma produção contínua de verdades sobre indivíduos, bem como uma atitude de obediência destes que torne possível a administração detalhada de suas condutas. Trata-se da configuração de um controle meticuloso, com vistas a exercer, sobre cada aspecto da vida dos sujeitos, relações específicas de poder (FOUCAULT, 2008b, p. 101). Os cursos ministrados no *Collège de France* e os três volumes de História da sexualidade permitem entrever os desdobramentos das análises de Foucault acerca desta respectiva questão.

A partir do século XV, destaca o filósofo, notaremos a profunda transformação e pulverização dos procedimentos de controle. “Verdadeira explosão da arte de governar os homens” (FOUCAULT, 1990, p. 37), isto é, difusão de práticas de governo minuciosas enquanto problema que atravessará a sociedade em suas múltiplas esferas: a família, os hábitos e costumes, a população e os fenômenos a ela relacionados. “*Como governar* [...] foi uma das questões fundamentais do que se passou no século XV ou no XVI” (1990, p. 45).

Logo, Foucault será levado a considerar a emergência do Estado moderno como efeito de um processo por ele denominado “governamentalização”. Entende-se por “governamentalização” o fortalecimento do Estado mediante sua instrumentalização por técnicas e táticas, de modo a sofisticar os meios de regulação da sociedade e seus indivíduos (FOUCAULT, 2008b, p. 143). Configuração de técnicas cujo objetivo consiste em dirigir o Estado segundo leis e fins que lhe são imanentes, não mais se apoiando na transcendência da ordem divina ou vontade do soberano. A população e os fenômenos a ela subjacentes corresponderão ao objeto privilegiado da atividade governamental.

2 O governo de si como estética da existência

Este contingente de práticas de controle, porém, não pode ser pensado no real alcance de seus efeitos, exceto associado ao problema de “como não ser governado”. Foucault buscará confrontar os mecanismos de controle subjacentes ao “governo dos homens” com o projeto de um “governo de si”.

Para isto, dirige-se ao estudo de determinadas práticas da Antiguidade. Nelas, encontra a promoção de um modo de existência caracterizado por ações e discursos, através dos quais indivíduos buscariam estabelecer consigo relações de autonomia, a fim de atingir um estado de plenitude e satisfação (FOUCAULT, 2010, p. 192). Por conseguinte, Foucault identificará este governo de si a uma “estética da existência”.

Por esta noção, o filósofo compreende o jogo de criação e liberdade no interior do qual o sujeito inscreve-se, com vistas a transformar-se, transfigurando-se tal como uma obra de arte. A estética da existência não visa à extorsão de uma verdade profunda e oculta no sujeito, cuja descoberta deveria ser empreendida. Trata-se aqui menos de descobrir-se quem se é que inventar a maneira como se pode ser. A arte de viver (*tékhne tou bíou*) faz do sujeito artesão, artífice de sua própria existência. Onde operam dispositivos que fixam indivíduos a uma identidade ou essência, a estética da existência promove a dura e demorada elaboração de si. Nas palavras de Foucault (FOUCAULT, 2006, p. 198-199), estas artes de viver:

devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.

Por sua vez, o conceito de estética da existência encontra-se em estreita relação com a noção também desenvolvida por Foucault de “cuidado de si”. Ao longo da Antiguidade greco-romana este cuidado reportou-se a um conjunto heterogêneo de práticas relativas a atividades de escrita, leitura, cuidados com o corpo, práticas de privação, exames de consciência, entre outras. O cuidado de si possui uma significação eminentemente ética. Ele problematiza o modo como o indivíduo conduz a si mesmo e aos outros. Dito de outro modo, “a ética do cuidado de si concerne à maneira pela qual cada indivíduo constitui a si mesmo como sujeito de sua própria conduta (...) relacionada com os seus atos e suas ações para consigo e também para com os outros.” (VENTURA, 2008, p. 65). Deste trabalho criativo sobre si mesmo resultam novas formas de

relação, novos modos de estar consigo e com o outros, de maneira que a estética da existência produza efeitos de caráter político.

Se ética e estética encontram-se vinculadas no pensamento de Foucault, isto se deve ao modo como elas suscitam matrizes de ação dadas não mais sob o jugo da obediência ilimitada. Os códigos e preceitos de conduta implicados nesta arte de viver dão-se não a partir de instâncias exteriores, mas tem na singularidade de cada indivíduo seu ponto de apoio e determinação. Ainda que realizada através de exercícios e técnicas específicas, a estética da existência não se inscreve em uma “regra da vida”. A liberdade é o princípio sobre o qual se constitui, como condição de possibilidade do agir ético.

3 Baudelaire e a Modernidade

As análises de Foucault referentes ao tema da “estética da existência” vão também se desenvolver em torno da figura de Baudelaire e suas reflexões sobre a modernidade. Conforme o filósofo, a Modernidade deve ser compreendida menos como um período histórico que como uma atitude. Atitude do sujeito que se interroga sobre sua atualidade, tomando a si mesmo como objeto de uma detalhada e corajosa elaboração. Segundo Foucault, Baudelaire exemplifica esta atitude. Representante moderno da arte de viver, o poeta expressaria em sua obra a consciência do homem da transitoriedade do tempo. Entretanto, recusando-se a permanecer inerte diante das mudanças que caracterizam a modernidade, Baudelaire procuraria transfigurar-se a si e seu presente.

Em “O pintor da vida moderna”, o poeta assinala sua oposição à noção tradicional de belo, para a qual este seria “único e absoluto” (BAUDELAIRE, 1988, p. 162). Em realidade, o belo possuiria uma dupla dimensão: por um lado, “é constituído por um elemento eterno, invariável”, e, por outro, “de um elemento relativo, circunstancial” (BAUDELAIRE, 1988, p. 162). Este elemento relativo será identificado à moda e aos costumes da época, ao que é fugidivo e passageiro. Todavia, é ele que permite a apreensão de sua contraparte universal. Logo, o papel do artista é “tirar da moda o que esta pode conter de

poético no histórico, de extrair o eterno do transitório” (1988, p. 173), buscar no vórtice de sensações fugazes a sua Modernidade.

O poeta moderno seria então atravessado por “uma vontade de heroificar o presente” (FOUCAULT, 2008a, p. 343). Entretanto, esta “heroificação” tem algo de “irônico” em si. Isto, pois a atitude de modernidade não visa “sacralizar” o momento, para então poder mantê-lo, à revelia de toda mudança. Ao contrário, tratando-se de encontrar na “moda” algo de poético, o artista é aquele que diante do presente, o transfigura (2008a, p. 343). Não anula o real, mas o confronta com uma liberdade criativa.

Ademais, para Baudelaire, a Modernidade suporia especialmente um modo de relação do sujeito a ser estabelecido consigo mesmo. Isto porque “ser moderno é não aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura” (FOUCAULT, 2008a, p. 344).

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, procurou-se apresentar como Foucault utiliza-se da noção de governo enquanto elemento que lhe permite examinar relações de força exercidas sobre a conduta dos indivíduos. No entanto, sua análise o leva a vislumbrar modos de resistir a este poder, por meio da prática refletida de um governo de si mesmo. Este governo de si assume a forma de uma arte de viver, uma estética da existência, cuja significação reside no cuidado do sujeito consigo mesmo, na transformação e criação de si como obra artística.

Desta maneira, pode-se observar que a noção de “estética da existência” para Foucault assume o caráter de uma reflexão crítica que busca contrapor, às formas de dominação e controle, o exercício criativo da invenção de si mesmo.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: COELHO, T. (Org.). *A modernidade de Baudelaire*. Tradução de Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, ano 84, n. 2, p. 35-63, abril-juin, 1990.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si, in *Ditos e escritos: ética, sexualidade e política*, vol 5. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. O que são as Luzes?, in *Ditos e escritos: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*, vol 2. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. *Segurança, território, população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

VENTURA, R. C. A estética da existência: Foucault e psicanálise. *Cogito*, Salvador, n. 9, p. 64-66, out. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151994792008000100014&script=sci_arttext] Acesso em: 20 mar. 2012.